



REESMA, Humaitá - Amazonas, Volume XX, nº 2, jul-dez. 2026, p. 99-118.

ENSINO NA ALFABETIZAÇÃO: CONTRIBUTOS DA INTERDISCIPLINARIDADE NA/PARA SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

LITERACY TEACHING: CONTRIBUTIONS OF INTERDISCIPLINARITY IN/FOR SOCIO-ENVIRONMENTAL SUSTAINABILITY

Antonio Carlos de Sousa¹
María Margarita Villegas Graterol²

Resumo: Este texto tem por objetivo pensar o processo do ensino na alfabetização, enquanto letramento político e sociocultural, numa perspectiva interdisciplinar em defesa da sustentabilidade socioambiental. Para tanto, orientamo-nos pela seguinte questão de pesquisa: o ensino na alfabetização, numa perspectiva interdisciplinar, pode contribuir para a sustentabilidade socioambiental? Metodologicamente, trata-se de uma revisão de literatura, cujas análises estão ancoradas na evidência de leitura (Bell, 2008). O aporte teórico foi construído com base em Freire (2019); Necolescu (2008); Fazenda (2008; 2001); Russo (2013); Japiassu (1976); Luck (2013) entre outros. As discussões apontaram para o fato de que a interdisciplinaridade, como um posicionamento docente teórico-prático e perspectiva de ensino, no contexto do planejamento didático-pedagógico, revela-se como um elemento potencializador do processo de alfabetização de crianças na direção do desenvolvimento fundado na sustentabilidade socioambiental.

Palavras-chave: Ensino na alfabetização; Interdisciplinaridade; Sustentabilidade socioambiental.

¹ Doutorando em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino na Universidade Estadual do Ceará (POSENSINO/UECE). Professor da Educação Básica em Russas, estado do Ceará (SEDUC/CE). E-mail: adesousa491@gmail.com. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8650-794X>.

² Doutora em Educação pela Universidad de Carabobo, (U. CARABOBO, Venezuela). Professora da Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA). E-mail: margarita.ufersa@gmail.com. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4965-2291>.



Abstract: This text aims to consider the process of literacy instruction, as a form of political and sociocultural literacy, from an interdisciplinary perspective in defense of socio-environmental sustainability. To this end, we are guided by the following research question: can literacy instruction, from an interdisciplinary perspective, contribute to socio-environmental sustainability? Methodologically, this is a literature review, whose analyses are anchored in reading evidence (Bell, 2008). The theoretical framework was based on Freire (2019); Necolescu (2008); Fazenda (2008; 2001); Russo (2013); Japiassu (1976); Luck (2013), among others. The discussions highlighted the fact that interdisciplinarity, as a theoretical-practical teaching stance and teaching perspective, in the context of didactic-pedagogical planning, proves to be a potentializing element of the literacy process for children toward development based on socio-environmental sustainability.

Keywords: Literacy education; Interdisciplinarity; Socio-environmental sustainability.



1 INTRODUÇÃO

A interdisciplinaridade está presente, mesmo de maneira inconsciente, no trabalho docente, e figura uma constância nos estudos e pesquisas na área da Educação, especialmente, nas investigações inerentes ao Ensino, quer tentando sua internalização consciente pelos profissionais docentes, que na busca de sua aplicabilidade nos inúmeros e distintos espaços de aprendizagem.

A forma “inconsciente” de ser, agir e pensar interdisciplinarmente ocorre porque a esta não se trata de um método de ensino, uma ferramenta concreta que o docente pode usar, mas de uma perspectiva de ensino (Necolescu, 2008), uma leitura da realidade, um posicionamento teórico-prático sobre o fenômeno educativo. Aqui, pois, adotamos essa definição, direcionando-a para a questão da sustentabilidade socioambiental na ambiência do ensino no ciclo de ensino na alfabetização, articulando, pela unidade teoria/ensino-prática/vivência, problemáticas que circunscrevem não apenas o contexto escolar ou educacional, mas todas as dimensões interpenetradas por esse, como por exemplo a sustentabilidade socioambiental que muito se tem discutido nos últimos anos.

A sustentabilidade socioambiental à qual nos referimos figura a integração, nos ambientes escolares, do cuidado, do zelo e da preservação do meio ambiente, assim como da promoção do bem-estar social, não devendo ser percebida unicamente como uma área isolada do currículo escolar (Souza; Lima, 2017). Tal promoção forma sujeitos mais conscientes e responsáveis. Assim, trata-se de um conjunto de ações, práticas e lições direcionados para o desenvolvimento sustentável do nosso planeta.

Para além de uma temática transversal nas instituições educacionais, o tema da sustentabilidade socioambiental deve ser abordado sempre que possível nos mais diversos níveis da educação, objetivando o fortalecimento de um ensino mais engajada com os problemas sociais, construindo, dessa maneira, uma educação de qualidade referenciada socialmente e ancorada, ainda, na perspectiva do desenvolvimento sustentável.

Assim, intentamos aqui pensar o processo de alfabetização, enquanto letramento político e sociocultural, numa perspectiva interdisciplinar em defesa da sustentabilidade socioambiental. Para tanto, orientamo-nos pela seguinte questão de pesquisa: o ensino na alfabetização, numa perspectiva interdisciplinar, pode contribuir para a sustentabilidade socioambiental?



Um paradigma de educação e, especialmente, de ensino na alfabetização orientados pelo desenvolvimento sustentável podem contribuir significativamente para mudanças de posturas e para a (trans)formação da sociedade em direção a um mundo melhor e harmonioso. Em outras palavras, a materialização de práticas interdisciplinares a respeito da sustentabilidade socioambiental ajuda a alterar – ou pelo menos a refletir essa alteração – a maneira pela qual os sujeitos pensam e agem o seu espaço/lugar na intenção de alcançar um futuro sustentável. Esse tipo de abordagem educacional e de ensino envolve as principais questões de desenvolvimento sustentável, a saber: integridade socioambiental, viabilidade econômica, sociedade justa, etc.

Importa registrar, já nesses parágrafos introdutórios, que a interdisciplinaridade, conhecida por nós brasileiro no final da década de 60, carrega em si um significado bem mais complexo daquele que cotidianamente o debatemos, extrapolando a simplória aceção de “união” ou “elo de ligação” de disciplinas curriculares. Como já mencionado, a interdisciplinaridade figura um diálogo, uma perspectiva de ensino, um posicionamento teórico-prático ante a ciência, o conhecimento humano e, por conseguinte, um comportamento sociopolítico e cultura frente aos dilemas sociais pretéritos e presentes.

Historicamente, as primeiras conceituações, problematizações e reflexões – tímidas, por sinal - em torno da interdisciplinaridade datam de 1976 com a obra “Interdisciplinaridade e Patologia do Saber” de Hilton Japiassú, que se tornou basilar nos estudos científico-acadêmicos sobre a temática. Nela, a ideia central implica na interdisciplinaridade como um processo que intenta a superação das fronteiras disciplinares por meio da integralização dos saberes entre as disciplinas.

Atualmente, e como veremos ao longo desse escrito, tal concepção foi significativamente ampliada. Isto é, inúmeras pesquisas foram realizadas com a pretensão de (re)explicar, aprofundar teórico-metodologicamente ou até mesmo refutar a definição de interdisciplinaridade até então estabelecida (Fazenda, 2008; Leite, 2010; Ramos, 2016 entre outras) dada sua fragilidade e limitação teórico-conceitual.

A título de exemplo, Ivani Fazenda publica seu primeiro livro sobre o tema três anos após Japiassú, isto é, em 1979. Nele, a autora empenhou-se na conceituação do termo, imprimindo novas e relevantes olhares acerca do assunto. Foi a partir desse marco teórico-temporal que a interdisciplinaridade passou a ser evidenciada com mais afinco, despertando, com isso, uma maior conscientização e valorização da interdisciplinaridade



e das possíveis questões que a circunscrevem, como a intersecção de saberes não disciplinares/curriculares, a saber: saberes experienciais, didático-pedagógicos entre outros.

Neste direcionamento, Ferreira *et al.* (2023) aponta que o objetivo da interdisciplinaridade é

combinar perspectivas, conhecimentos e metodologias de diferentes disciplinas para obter uma compreensão mais profunda e abrangente de um determinado objeto, de forma a criar novos conhecimentos e soluções para problemas complexos. A interdisciplinaridade envolve, portanto, a quebra de barreiras disciplinares e a colaboração entre especialistas de diferentes áreas para atingir um objetivo comum, constituindo uma abordagem mais ampla e rica (Ferreira et al., 2023, p. 18).

Assim sendo, concebemos aqui o desenvolvimento sustentável, com ênfase na sustentabilidade socioambiental, como um dos “problemas complexos” que assolam a sociedade contemporânea e que merecem destaque nas escolas e, em especial, no processo de alfabetização.

No tocante ao processo de alfabetização na perspectiva do letramento, estamos nos referido às práticas socioculturais de leitura e escrita que envolvam, também, as questões sustentáveis retrocitado. Compreendendo essa perspectiva de alfabetização, a grosso modo, como a aquisição da leitura e escrita de maneira contextualizada, a alfabetização situada, fundamentada e referenciada pelas diferentes situações discursivas-textuais (Soares, 2004), fecundadas, inclusive, em problemas sociais reais.

Exposto tudo isso, esse trabalho está organizado em cinco tópicos: além dessa introdução, no segundo tópico, intitulado “a interdisciplinaridade no contexto educacional atual: ponderações necessárias”, fazemos menção as discussões concernentes à interdisciplinaridade na ambiência da escola; em “Notas sobre a alfabetização na perspectiva do letramento”, terceiro tópico, situamos a conceituação de alfabetização que adotamos; no quarto, “Contributos da interdisciplinaridade no processo de alfabetização de crianças para o desenvolvimento sustentável”, tecemos nossas análises mais profundas sobre nossa temática central; e, por fim, explicitamos nossas “considerações finais”.



2 MATERIAL E MÉTODOS

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa teórica de abordagem qualitativa (Stake, 2011), subsidiada pela revisão de literatura, cuja análise das informações colhidas foi ancorada na evidencia de leitura (Bell, 2008). As reflexões aqui postas emergem, em resumo, da leitura e (re)análises de livros e artigos científicos sobre a temática da alfabetização e da interdisciplinaridade considerando nossa problemática de pesquisa, a saber: o ensino na alfabetização, numa perspectiva interdisciplinar, pode contribuir para a sustentabilidade socioambiental?

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A interdisciplinaridade no contexto educacional atual: ponderações necessárias

Na linha do tempo, a organização escolar, em sua íntegra, sempre se apresentou nitidamente fragmentada seja na sua organização didático-pedagógica, seja no quesito “currículo”. A interdisciplinaridade, assim, surge ante à essa fragmentação, *a priori*, das disciplinas curriculares, do conhecimento historicamente construído. Essa realidade inicial nos fez pensar, durante muitos anos, que tal conhecimento, como produção humana (Necolescu, 2008), e a própria visão de mundo, são, por conseguinte, compartimentados (Leite, 2010), e cuja interconexão revelou-se improvável.

É importante ponderarmos que a fragmentação retrocitado, quer das disciplinas quer dos conhecimentos, produz, nas crianças, a falsa impressão de que a realidade é (re)construída e percebida, também, de maneira “fracional” (Leite, 2010), sem a mínima associação entre o que se estuda com os contextos socioambiental, político e cultural aos quais se encontram insertos; e, ao que se refere aos docentes, perceber o mundo dessa forma – desconexo – acaba que dificultando ainda mais a concretização de práticas verdadeiramente interdisciplinares, não identificando os possíveis entrecruzamentos.

Dito com outras palavras, acreditamos que inúmeras das problemáticas provenientes da fragmentação das/dos disciplinas/conhecimentos podem ser, ainda que minimamente contornadas se nos posicionarmos de maneira interdisciplinar, pensando que nossa postura, nossas práticas e as atividades propostas podem ser subsidiada pela perspectiva da interdisciplinaridade. Não estamos aqui situando esse posicionamento teórico-prático num patamar de “salvador” do ensino, mas como uma alternativa viável à melhoria do processo de aprendizagem das crianças em sua fase de alfabetização.



O termo em discussão apresentou, e ainda apresenta, distintas concepções desde o simples “amontoador” de disciplinas de um currículo escolar até o diálogo entre professores e seus saberes, suas experiências e concepções, sendo estes elementos o foco de nosso debate. Japiassu (1976) assinala que a interdisciplinaridade se desenvolveu a partir da distinção metodológica em relação a termos vizinhos graficamente semelhantes, mas semanticamente distintos, são elas a disciplinaridade e a pluridisciplinaridade.

Nesse esteio de definições, a disciplinaridade diz respeito a organização do conhecimento em disciplinas distintas, isoladas, cada qual com seus próprios métodos e objetos investigativos, enquanto que a pluridisciplinaridade engloba a justaposição de diferentes disciplinas, sem necessariamente haver uma interação significativa entre elas (Japiassu, 1976).

Entendida essa distinção conceitual, a “interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade de trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa” (Japiassu, 1976, p. 74), corroborando com Luck (2013) quando afirma ser a interdisciplinaridade uma maneira de se trabalhar com o conhecimento, de tal forma que amplia a reintegração dos aspectos que acabam sendo abordados de forma isoladas nas disciplinas. Assim, esse conceito estabelece o processo interdisciplinar como uma iniciativa de eliminação das rigorosas fronteiras e início do diálogo entre as diferentes áreas de saberes disciplinares com objetivos bem definidos.

Como dito, a interdisciplinaridade emergiu com a intenção de “corrigir” os possíveis erros e a esterilidade ocasionada por uma educação e um ensino fragmentado, que nega a existência de um fio de ligação entre as disciplinas. Nesse contexto, a interdisciplinaridade propicia a integração dos conteúdos de disciplinas da mesma área ou de distintas áreas do conhecimento científico.

Todavia, não podemos ter em mente e “em prática” a interdisciplinaridade como tão somente a junção de disciplinas em um mesmo espaço. Essa concepção reducionista do termo transforma o currículo em uma “grade curricular”, apenas, o que não devem ocorrer haja vista o fato dele consistir na articulação com as práticas e saberes, na busca do desenvolvimento do educando. Isso posto, não podemos esquecer que os conhecimentos são socio e historicamente construídos e acumulados, atribuído ainda um “viés” sócio e cultura a ideia de interdisciplinaridade no contexto educacional.



Para Santomé (1998), a interdisciplinaridade também ocorre por intermédio da colaboração entre os professores de diferentes especialidades, por meio, ainda, de um trabalho baseado no respeito, na negação e no diálogo. Podendo ser concebida também como uma dinâmica de (re)constituição de sentidos dos educandos pelos conhecimentos assimilados e como um movimento possibilitador de novos caminhos ante os problemas mais contemporâneos (Tavares, 2013).

Diante do exposto até aqui, a interdisciplinaridade, situada no contexto educacional/escolar, é compreendida sob três dimensões “curricular, didática e pedagógica” (Lenoir, 2012, p. 55). Nesses termos, o sujeito aprendente -podendo ser tanto o educando como o educador – é tomado como referência d trabalho interdisciplinar.

A interdisciplinaridade curricular remonta a constituição das matérias escolares, suas funções, o espaço que ocupa, sua estrutura, objetos de estudo e conexões de intersecções. Esse tipo de interdisciplinaridade “exclui toda tendência à hierarquização dominante, e requer a colaboração de diferentes matérias escolares” (Lenoir, 2012, p. 57).

A interdisciplinaridade conceituada como “didática” faz referência às questões inerentes à prática educativa e de como proporcionar ações docentes mais integradoras. Dessa maneira, intenta “[...] a articulação dos conhecimentos a serem ensinados e sua inserção nas situações de aprendizagem” (Lenoir, 2012, p. 58).

Por seu turno, aquela intitulada “pedagógica” objetiva assegurar que, efetivamente, a interdisciplinaridade didática se concretize no contexto escolar, pois reconhece a existência de aspectos dificultadores dessa concretização, a saber: gestão de sala de aula, dimensão pessoal dos educandos e dos educadores, conflitos internos e externos etc. Assim sendo, importa entender o conjunto de “[...] dimensões próprias à dinâmica real da sala de aula, não somente uma teorização da prática interdisciplinar sobre o plano didático o seio de modelos ricos e coerentes” (Lenoir, 2012, p. 59).

Notas sobre a ensino da alfabetização na perspectiva do letramento

A competência de ler e escrever são mobilizações indispensável para uma efetiva participação dos sujeitos na sociedade na qual nos encontramos inseridos: globalizada, da informação ou do conhecimento, como costumeiramente defendemos. Nesses termos, o ciclo do ensino da alfabetização revela-se, como nunca antes, de grande importância para a construção democrática dessa sociedade, reafirmando o fato de que ensino, nessa fase



da Educação Básica, deve estar pautado na perspectiva situacional, contextual e socialmente referenciada, perspectiva essa à qual definimos aqui de letramento. Contudo, antes de adentrarmos nas discussões dessa perspectiva, entendamos o que seria a alfabetização numa perspectiva alheia ao letramento.

Durante muito tempo, a alfabetização foi concebida como a pura codificação e decodificação das letras, mediada por um ensino desconexo da realidade mais concreta da criança, fato esse que se distancia da proposta de alfabetização sob à égide do letramento que reclamar a consideração dos conhecimentos prévios das crianças, os cenários socioeconômico e cultural dos quais se originam, assim como o “escutar” as crianças, reconhecendo a existência dessa e de seu “universo próprio”, caso contrário, estaremos invisibilizando esse sujeito histórico e de direitos.

Em outras palavras, na medida em que a alfabetização figura o ato de aprender a ler e escrever, codificar e decodificar as palavras, a expressão “letramento” faz referência à compreensão do uso social da leitura e da escrita, isto é, entender o porquê ler e escrever, refletindo, de maneira crítica, aquilo que ler e escreve com fundamento e significado. Ser letrado é, portanto, posicionar-se de maneira crítico-reflexivo ante as inúmeras e distintas manifestações linguístico-discursiva (Soares, 2004), é, portanto, perceber, através daquilo que se ler, os dilemas sociais em volta de si, enquanto indivíduo social e inserido em um mundo em (trans)formação.

Na concepção de Soares (2004), embora a relação entre os termos alfabetização e letramento seja incontestável, “além de necessária e até mesmo imperiosa, ela, ainda que focalize diferenças, acaba por diluir a especificidade de cada um dos fenômenos”. Partindo desse pressuposto, fica nítido a relevância de ter ambos os conceitos bem compreendidos pelos profissionais da educação, sobretudo, pelos docentes alfabetizadores. O letramento não deve anular a acepção de alfabetização, por muitos, obsoletada, mas deve atribuir sua devida importância ao processo formativo das crianças.

Historicamente, o vocábulo “letramento” surge, quase que concomitantemente, em inúmeros países do mundo, intentando a definição “daquilo” que não era “alfabetização”, caracterizado como algo que superava o saber ler e escrever, mas o domínio da leitura e da escrita contextos socioculturais “orgânicos”. Nessa direção, para Moraes (2012), no momento que novas perspectivas de alfabetização chegam ao Brasil, estimulou-se reflexões sobre os antigos métodos de se alfabetizar uma/um criança/



indivíduo, o que instigou diversos educadores o uso de tais métodos até então unívocos no processo de alfabetização.

É salutar pontuar que somente o convívio com a cultura escrita, em práticas sócio e contextuais da criança, não é suficiente para alfabetizá-la, é necessário, dessa forma, entender que a dinâmica da aquisição dos sistema convencional é indispensável ao longo do ciclo de alfabetização, todavia, todo esse processo deve acontecer em consonância com os diversos e distintos gêneros textual-discursivos, trabalhando, por conseguinte, a oralidade, a leitura, a produção textual e a análises linguística, de tal forma que propicie oportunidades de reflexão à criança, de leitura e escrita espontânea, atribuindo as elas o *status* de protagonistas autônomas e criativas. É importante frisarmos a necessidade de se colocar constantemente no

[...] no mesmo nível de visão das crianças, fazer adequações de linguagem verbal e corporal, atender à curiosidade, conversar sobre as coisas que lhes interessam, (pre) ocupar-se com as ocupações de que mais gostam ou que lhes afligem, estar atento a tudo o que a criança faz e diz em todos os momentos (Silva e Silva, 2018, p. 41).

Nesse sentido, Soares (2004) sinaliza que

O que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele (Soares, 2004, p. 11).

Assim, estando a criança inserida no ciclo de alfabetização, ou seja, no processo de aquisição da leitura e da escrita, ela necessita estar em constante contato com textos/gêneros que abordem assuntos dos quais ela já possua algum conhecimento prévio, conteúdos e/ou temáticas que se aproximem de sua realidade sociocultural, uma vez que só somos capazes de compreender um texto, ainda que julguemos “bem alfabetizados”, quando temos “algum conhecimento prévio sobre o assunto” (Cabral, 2003, p. 37). Isto é, o trabalho com gêneros textual-discursivo com a única pretensão de fixar o fonema de



determinada letra/palavra se apresentará inútil no processo de alfabetização na perspectiva do letramento.

Ainda em Soares (2004),

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento (Soares, 2004, p. 14).

Dessa maneira, a dinâmica de sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mais especificamente, aqueles que contemplam o ciclo de alfabetização, deve ser pensada tentando a ampliação dos conhecimentos da criança de forma que a aprendizagem tenha sentido, revelando-se como algo que ela possa fazer uso em seu meio social, sabendo a relevância de aprender a refletir ao longo do processo formativo, desenvolvendo, ainda, a sua criatividade, seu senso de sustentabilidade socioambiental, bem como sua criticidade diante da vida.

Por esse motivo, a alfabetização e o letramento devem caminhar, não apenas lado a lado, mas de mãos dadas e por intermédio das práticas sociais de leitura e de escrita, direcionadas para o seu uso. Não nos esqueçamos que antes de ler as letras e os números, as crianças leem o mundo em seu entorno, inicialmente de maneira ingênua e que nosso trabalho, enquanto docentes, é o de auxiliar na transformação dessa curiosidade ingênua para uma curiosidade epistemológica (Freire, 2019). É de grande valia lembrarmos que a dinâmica do processo de letramento “prepara” o sujeito para exercer a sua cidadania, a defesa e conservação planetária, local e comunitária.

Contributos da interdisciplinaridade no processo do ensino na alfabetização de crianças para o desenvolvimento sustentável

A agenda 2030, construída com base no/para o Desenvolvimento Sustentável condensa um plano de ação que objetiva a eliminação da pobreza, a conservação do



planeta, bem como proporcionar aos cidadãos do mundo todo paz e prosperidade (ONU, 2023). Constituída por dezessete (17) Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), visa, ainda, o desenvolvimento de pensamentos e de práticas que protejam o ambiente, garantindo, com isso, a qualidade de vida da população (IBGE, 2023).

Segundo Sgarbi *et al.* (2015), um dos maiores desafios da educação é

[...] é a democratização de acesso aos saberes, fomentando diálogo entre eles, cultivando valores ético-culturais e socioambientais com o intuito de formar cidadãos participativos e capazes de conviver uns com os outros e com o ambiente cada vez mais complexo e com demandas cada vez maiores na produção de bens materiais e simbólicos num mundo globalizado e excludente (Sgarbi *et al.*, 2015, p. 2).

Para tanto, acreditamos que é preciso que haja, além da articulação entre a sociedade civil e os governos, reflexões e inflexões sobre esse assunto no contexto escolar, reflexões essas que podem emergir de práticas docentes interdisciplinares inseridas nas propostas de alfabetização de crianças. Trata-se de abordar a sustentabilidade em sala de aula por meio da interdisciplinaridade.

Na ambiência das instituições de ensino, muito se fala – porque a discussão sobre a temática é ínfima nesse espaço – acerca da interdisciplinaridade: a interdisciplinaridade tem se revelado como uma possibilidade de minimizar o baixo nível de aprendizagem dos estudantes. Todavia, tais falácias que ocorrido de maneira mais densa no tocante ao ciclo de alfabetização, situado nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental. Por essa razão, buscamos nesse tópico pontuar algumas das contribuições dessa estratégia de ensino no processo de alfabetização de crianças pensando a construção de uma sociedade mais justa e sustentável, com especial enfoque para o meio ambiente.

É necessário compreendermos, inicialmente, que a interdisciplinaridade, a despeito do que já tecemos sobre ela nesse artigo, figura uma procura constante novas ideais, caminhos, ou mesmo da atualização de caminhos já conhecidos, da revisitação de conceitos e atitudes, de outras realidades, superação de desafios e obstáculos novos, isto



é: a ousadia de/na busca de (re)construir as práticas docentes, tendo em vista a melhoria da qualidade da educação, do ensino, da aprendizagem.

Para Xavier *et al.* (2018), o pensamento acerca da interdisciplinaridade, atualmente, tem sido

[...] fértil no contexto das práticas educativas, sobretudo com o desenvolvimento científico e tecnológico, principalmente a partir das últimas décadas do século XX, com o advento da internet e de outros meios de comunicação, embora se saiba que o trabalho intelectual com a interdisciplinaridade não seja de agora, visto que a própria convivência social exige essa demanda nas relações, seja do homem com seu próximo, seja deste com a natureza (Xavier *et al.*, 2018, p. 77).

Em sendo assim, a primeira e principal contribuição da interdisciplinaridade no contexto da alfabetização de crianças repousa na pretensão de “dinamizar” a aquisição da leitura e da escrita, abrindo oportunidades de a próprias crianças refletir sobre o que está posto. De encontrar saídas novas para a resolução de conflitos, buscar novas metodologia que possam alavancar a aquisição e a fluência leitora, a escrita alfabética, pois, não rara as vezes, o que basta para uma criança sair de das hipóteses de “não leitora” e “pré-silábica”, condições iniciais no processo de alfabetização (Russo, 2013), é um posicionamento interdisciplinar, não apenas por parte do docente, mas de toda a comunidade escolar, inclusive a família dessas crianças.

Nossa pretensão, com a assertiva anterior, é de que a presença de práticas docentes interdisciplinares é crucial desde o primeiro de nível de leitura e de escrita ao qual a crianças se encontra, não como uma padronização, uma estabilidade, mas como um ponto de partida que deve, já de início, levar em consideração o contexto social, os problemas sociais de fato.

A interdisciplinaridade já nos aponta que, não é porque estamos apresentando “somente” letras, que devemos fazê-los de maneira desconexa com mundo da criança, com sua realidade local. A letra S, costumeiramente associada a palavra S-A-P-O (S de sapo, como se apenas essa palavra começasse com essa letra), poderia ser apresentada veiculada a imagens que representassem um ambiente natural (de preferência do próprio entorno) protegido, conservado e que, para alcançarmos e/ou expandirmos essa realidade desejada, devemos pensar e agir com sustentabilidade, aproveitando o momento para



indagar as crianças: você já conhece essa palavra? Onde você a ouviu? Em que você pensa/pensou a ouvi-la? Com qual letra ela começa? Qual o seu som?

Na concepção de Silva (2024), ao nos referimos às práticas interdisciplinares no ambiente escolar é perceptível que em sua complexidade estão atreladas as acepções de Alfabetização e Letramento proposto pelos docentes alfabetizadores. Para esse autor, quando “propomos situações de alfabetização em sala de aula resultados eficientes não são obtidos meramente pelo uso de um silabário ou atividades soltas que trabalham a linguagem oral e escrita de forma reducionista” (Silva, 2024, p. 1183), mas através de textos temáticos que haja conexão com a busca por uma sociedade mais sustentável, por exemplo.

Freire (2019) já nos alertava que o ensino deve ser orientado, antes de tudo, pela conscientização e emancipação dos sujeitos e que, para isso, eles precisariam perceber as adversidades, os contrastes e as contradições sociais existentes. Pensar a sustentabilidade socioambiental é, de antemão, reconhecer o uso e consumo descontrolado dos elementos naturais, entendendo que esse descontrole logo se refletirá na qualidade de vida em sociedade.

Pensando assim, o desenvolvimento sustentável deve também emergir de situações postas nos ambientes escolares, e já que essas instituições estão, demasiadamente, preocupadas com os pseudo-resultados da alfabetização na idade certa, adotando práticas institucionalizadas acríticas e mecanicistas, que a interdisciplinaridade possa apresentar-se como uma alternativa de união entre os anseios institucionais, de Estado e de governo, e a urgente necessidade de proteger e conservar, efetivamente, o meio ambiente. Isso pode ocorrer com a inserção, crítico-reflexiva, das problemáticas ambientais no âmbito da alfabetização, quer por vivências e experiências empíricas quer por meio de propostas de textos bases que abordem essas temáticas.

Sob a ótica de Japiassú (1976, p. 82), a interdisciplinaridade consiste em algo para “ser vivido, enquanto atitudes de espírito”, o que nos direciona à sua definição para além de um método, como muitos acreditam. Tal atitude, vivida e revivida constantemente em sala de aula, é subsidiada pela curiosidade, pela abertura para o “novo/renovado”, pelo senso de aventura e de descoberta, exercendo um movimento de conhecimento capaz de intuir relações com as pessoas e os ambientes. Essa abertura refere-se ao diálogo entre as muitas disciplinas que integram os currículos dos anos iniciais, bem como entre os atores que experienciam a alfabetização, seja como discente seja como docente.



Não podemos esquecer que a prática docente fundamentada numa ótica interdisciplinar se trata de uma construção que se (re)elabora de maneira permanente numa perspectiva de desenvolvimento pessoal e do respeito pelos outros e pelo (meio) ambiente. Nesses termos, “a prática pedagógica dos professores interdisciplinares envolveria o exercício de relações de associação, colaboração, cooperação, complementação e integração entre as disciplinas” (Fazenda, 2001, p. 30), entre aqueles que as ministram e, especialmente, entre os anseios e desejos da sociedade.

Na ambiência do ciclo de alfabetização, outra implicação da interdisciplinaridade pode ser percebida na aproximação, muitas vezes impossibilitada pela correria que o ensino imbrica, entre os docentes que passam por essas turmas, sejam eles atuantes na 1º ou na 2º turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental – o mesmo por aqueles que, em um tempo pretérito, tenham atuado em uma dessas turmas. O diálogo entre esses sujeitos é riquíssimo em termos de interdisciplinaridade, como a temos tomado aqui, uma vez que, ainda que inconsciente, interconectamos saberes, práticas e, em especial, posicionamentos teórico-práticos até “novos” para alguns. Tamanho leque de possibilidades não deve ser desconsiderado, mas otimizado.

Freire (2019) assiná-la que o ato de ensinar reclama dos docentes o comprometimento com a ação inclusiva da educação, o ato de educar não pode ser reduzido ao depósito de ideias de um sujeito no outro. A ação docente de ensinar implica transformar o ato pedagógico num mecanismo interventivo no mundo, na sociedade, é uma autêntica solidariedade entre educadores, educandos e o lugar que ocupa.

É importante mencionar que a interdisciplinaridade não recusa a existência e atuação das disciplinas, concebidas isoladamente, mas que, todavia, não só as reconhecem, como respeita os seus territórios, seus campos de conhecimento. Sua intenção é, antes de tudo, superar a exacerbada separação entre as disciplinas do mesmo domínio, assim como, de suas reflexões teórico-filosóficas, extremamente relevantes a sua atualização.

Embora tenhamos em mente que a interdisciplinaridade, como um posicionamento teórico-prático, não necessita ser “verbalizado” na oralidade ou na escrita (planejamento), a consciência docente deve sustentá-la. Os docentes devem ser conscientes de que o trabalho interdisciplinar, similar a toda ação docente nos espaços de aprendizagem, precisa figura seguir a tríade ação-reflexão-ação. Aqui, podemos registrar



a possibilidade de, em pares, pensarmos e refletirmos sobre o ambiente natural ao qual nos encontramos e como podemos, juntos, agir e pensar práticas sustentáveis que deem suporte a nossa ação docente na ambiência da alfabetização. Em outras palavras, como trabalhar essa temática não apenas em minha turma, mas nas mais variadas turmas que compõem o ciclo de alfabetização de nossas escolas.

A interdisciplinaridade não necessita ser “escrita”, pronunciada, mas percebida conscientemente. É indispensável que os docentes compreendam o real significado da ação interdisciplinar no processo de alfabetização de crianças para que esse processo se mostre, efetivamente, interdisciplinar e produtivo.

Como dito anteriormente, a interdisciplinaridade implica criatividade no pensar e agir educativo. Em sendo assim, os docentes precisam, ainda, ter a sensibilidade para identificar esse caráter criador: entender que o ensino do alfabeto, a fim de fazer com que as crianças reconheçam as letras, pode ocorrer também em momentos lúdicos com jogos matemáticos, com experimentações científicas, passeios e expedições. Mesmo que, à primeira vista, pareça simplória, esse posicionamento interdisciplinar, entre as áreas do conhecimento, muito tem a contribuir para a alfabetização das crianças e seu sentimento de pertencimento àquele lugar, reconhecendo suas responsabilidades no tocante, também, a preservação e cuidado desse “lugar”. A abordagem interdisciplinar torna o ambiente escolar vivo, dinâmico e (trans)formador dos sujeitos e, naturalmente, da sociedade.

Na concepção de Perrenoud (2000), p. 44), o docente é um profissional reflexivo, uma vez que

Ele revê mentalmente seu trabalho e a situação por ele organizada e vivenciada, ou que está sendo preparada para otimizar o conjunto de seus atos. Por isso se diz dele que é um ‘praticante reflexivo’: ele retorna, sempre em seu pensamento, para contemplar-se dentro da situação criada. A reflexão sustenta o progresso; ao mesmo tempo, é consequência (Perrenoud, 2000, p. 44).

Nessa direção, os docentes passam a se caracterizar por uma atuação ativa e reflexiva diante de sua prática profissional, ponderando acerca dos conteúdos que irão trabalhar, na maneira como irão desenvolvê-los e para quem. Problematicando, ainda, o porquê daquela situação didática, haja vista o fato de que o ensino interdisciplinar “nasce



da proposição de novos objetivos, de novos métodos, de uma nova pedagogia, cuja tônica é a supressão do monólogo e a instauração de uma prática dialógica” (Fazenda, 2008, p. 33).

De modo geral, a interdisciplinaridade vem, timidamente, constituindo-se em uma realidade escolar. O ensino tem reservado maior espaço para o valor de uma nova forma de abordar os conhecimentos inter e extraescolares nas salas de aula. Esse posicionamento teórico-prático tem implicado, dessa maneira, numa maior valorização, pela comunidade escolar, da (re)construção desses conhecimentos em detrimento da pura instrução.

No ciclo de alfabetização, as contribuições desse “posicionar-se interdisciplinarmente”, repousa na ideia de apresentar a aquisição da leitura e da escrita como uma construção individual, mesmo que ocorra num contexto coletivo. Os docentes devem entender que a alfabetização parte de sua própria construção/assimilação e não apenas de seu “ensino”.

O posicionamento docente interdisciplinar transforma o ensino escolar e, conseqüentemente, a dinâmica da alfabetização de criança. Normalmente, em um processo de alfabetização disciplinar, fragmentado, as crianças não são convidadas a participar da construção do seu próprio conhecimento inerente à aquisição da leitura e da escrita, postura essa mais do que questionável na atualidade. Não são oportunizadas de pensar e refletir sobre os problemas sociais, a importância da sustentabilidade, em suas mais diversas manifestações, para a sobrevivência humana. Isso posto, uma vantagem do posicionamento interdisciplinar configura a troca da passividade das crianças em fase de alfabetização proveniente do método tradicional de ensino pela socialização/interação dessas com os docentes e com seus colegas. A interdisciplinaridade pressupõe, assim, um rompimento de percepção tanto dos educadores como dos educandos, passando, esses, a interagir de diferentes formas, a todo momento.

A dinâmica interdisciplinar propicia a abordagem, pelos docentes, de situações corriqueiras do mundo, da cidade ou da localidade/comunidade onde a escola se encontra e explorá-la de maneira contextualizada com o processo de alfabetização, enriquecendo-as com a matéria, o conteúdo que está sendo trabalhado. O docente dispõe, nesse sentido, de uma mudança de postura que possibilita, ainda, criar, (re)construir e enriquecer o processo em discussão e, por conseguinte, a vida dos sujeitos em formação: as crianças.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando nosso objetivo, assim delineado: pensar o processo de alfabetização, enquanto letramento político e sociocultural, numa perspectiva interdisciplinar em defesa da sustentabilidade socioambiental, podemos inferir, inicialmente, que a interdisciplinaridade pode contribuir significativamente na aprendizagem das crianças situadas no ciclo do ensino alfabetização no que diz respeito a conservação e preservação do meio ambiente, pois dinamiza, de certa forma, esse processo crucial na formação humana.

As discussões apontaram para o fato de que a interdisciplinaridade, como um posicionamento docente teórico-prático e perspectiva de ensino, no contexto do planejamento didático-pedagógico revela-se como um elemento potencializador do processo de alfabetização de crianças na direção do desenvolvimento social sustentável, fundado na sustentabilidade socioambiental.

Isso posto, entendemos ainda que o exercício da interdisciplinaridade na ambiência escolar deve ser algo a ser concretizado não apenas pelo corpo docente, mas por todos aqueles que constituem esse ambiente.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELL, J. **Projeto de Pesquisa**: Guia para pesquisadores iniciantes em Educação, Saúde e Ciências Sociais. Tradução Magda França Lopes. 4ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CABRAL, L. S. **Guia prático de alfabetização, baseado em princípios do sistema alfabético do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003.

FAZENDA, I. C. A. **O Que é interdisciplinaridade?** (org.). — São Paulo: Cortez, 2008.

FAZENDA, I. C. A. **Práticas Interdisciplinares na Escola**. 8º ed. - São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 60ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2023** [online]. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>. Acesso em 15 outubro 2025.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LEITE, H. A. O desenvolvimento da atenção voluntária na compreensão da psicologia histórico-cultural: uma contribuição para o estudo da desatenção e dos comportamentos hiperativos. 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado). Maringá, Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-graduação em Psicologia, área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

LENOIR, Y. Comunicação proferida no Encontro Acadêmico Internacional Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade no ensino, pesquisa e extensão, ambiente e saúde intitulada **Desafios da Incorporação da Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na Educação**. Brasília, 2012.

LUCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 18. ed., Petrópolis: Vozes, 2013.

MORAIS, A. G. de. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

NICOLESCU, B. ***O manifesto da transdisciplinaridade***. Trad. Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Trion, 2008

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais (DESA). **Relatório dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2023: Edição Especial**. Nova York: Nações Unidas, 2023. Disponível em: <https://desapublications.un.org/publications/sustainable-development-goals-report-2023-special-edition>. Acesso em: 28 setembro de 2025.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RAMOS, L. O. L. Bases filosóficas, postulados teóricos e fundamentos em que se apoiam conceitos de interdisciplinaridade. In: RAMOS, L. O. L. **O lugar da interdisciplinaridade na educação superior: uma análise dos projetos pedagógicos dos cursos de bacharelado interdisciplinar da UFBA**. 2016. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RUSSO, M. de F. **Alfabetização: um processo em construção**. Editora Saraiva, 2013. São Paulo.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.



SGARBI, A. D. *Et al.* Alfabetização científica no contexto da sustentabilidade: a cidade como mediadora da educação de agentes socioambientais. X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – X ENPEC Águas de Lindóia, SP – 24 a 27 de Novembro de 2015. Disponível em: <https://www.abrapec.com/enpec/x-enpec/anais2015/resumos/R1398-1.PDF>. Acesso em: 27 de outubro de 2025.

SILVA, A. F. da; SILVA, E. de B. T. Cartas de Paulo Freire a uma criança e os princípios de uma pedagogia da infância. **Educação em Debate**. Fortaleza, ano 40, nº 76 – maio/ago. 2018. Disponível em: <https://mid-educacao.curitiba.pr.gov.br/2021/9/pdf/00311074.pdf> Acesso em 04 de setembro de 2025.

SILVA, P. R. G. da. A importância da interdisciplinaridade no processo de alfabetização. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.10.n.03.mar. 2024. ISSN - 2675 – 3375. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/13186/6389/26176>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, M.; LIMA, P. **A transversalidade da educação ambiental no currículo escolar**: teoria e prática. *Brasília*: Editora Educativa, 2017.

STAKE, R. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

XAVIER et al. Interdisciplinaridade e outros níveis de conhecimento: desafios contemporâneos às práticas educativas. **Polêmica**, v. 18, n. 1, p. 68-83, janeiro, fevereiro e março 2018 – DOI:10.12957/polemica.2018.36071. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38254/1/2018_art_arxavier.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2025.